

**O MÉDIO ORIENTE E MAGREBE
CONTADOS PELO PROFESSOR
LUÍS MOITA**

Paula Pereira

O MÉDIO ORIENTE E MAGREBE CONTADOS PELO PROFESSOR LUÍS MOITA

Paula Pereira

O Professor Luís Moita tinha uma abordagem original para tratar as questões do Médio Oriente e Magrebe. Desenvolvia a sua análise à volta das grandes figuras da região com impacto significativo para o futuro do país, da região e da comunidade internacional.

Vamo-nos concentrar num período particular daquela região, as décadas 50-60 do Século XX e em torno de uma personagem particular, Gamal Abdel Nasser, no Egipto, personificando o que o Professor Luís Moita intitulava “O Nasserismo”.

Em 1952, no Egipto, a monarquia do Rei Faruk é derrubada por um golpe de estado militar do autodenominado grupo de “oficiais Livres”. Quem comanda esse golpe é o jovem coronel Gamal Abdel Nasser que vai ser o personagem central, com grande influência na história daquele período. Este golpe militar liderado por Nasser, obteve logo um imenso apoio popular, havendo quase uma euforia no Egipto pela sensação, ou pelo sentimento, de que era uma conquista de independência não só em relação à monarquia do Rei Faruk, mas sobretudo em relação ao poderio britânico.

Nasser é aqui representado como o verdadeiro arquitecto da independência e transformou-se depois num símbolo do sentimento árabe.

Relembramos que estes são ainda os tempos da rádio, que tinha uma grande importância, até política e comunicacional nesta fase da história. Nasser falava a partir do Cairo, aos microfones da rádio, em árabe e a verdade é que ele era compreendido desde a fronteira entre o Iraque e o Irão até à fachada atlântica de Marrocos. “A multidão imensa dos países árabes escutava atentamente Nasser e ele foi respeitado por todo o mundo árabe”.¹

Esta aceitação e reconhecimento no plano interno egípcio e árabe, também se verifica no plano Internacional. Foi um homem que desempenhou um papel essencial.

Em plena Guerra fria, nos anos 50, e no momento em que a polarização pelos dois grandes blocos político-militares (Estados Unidos da América/União Soviética) é forte, desenha-se um processo de grande número de países cujas lideranças pretendem ganhar margem de manobra em relação a essa bipolarização.

¹ Sessão sobre “O Nasserismo” no âmbito do Curso Médio Oriente e Magrebe – Março de 2022.

O Movimento dos Não Alinhados, contrariando a dependência excessiva, ora de um bloco, ora de outro, visava a afirmação dos países aderentes como autónomos em relação à dinâmica dos pactos militares e das ideologias. Não admira assim que os impulsionadores deste movimento sejam personagens com um cariz político forte. Nasser, Nehru, N'Krumah, Sukarno e Tito são disso bons exemplos.

“SÃO NOMES LENDÁRIOS DESTE PERÍODO, SÃO PERSONAGENS IMPORTANTÍSSIMAS DA HISTÓRIA”²

Para além do seu papel principal na afirmação do Terceiro Mundo, a conferência de Bandung, em 1955, constitui uma etapa importante na criação do Movimento dos Não Alinhados. Afirma a vontade dos países afro-asiáticos de se manterem afastados da rivalidade dos dois blocos e de preservar a sua independência nas relações internacionais, e proclama o princípio do neutralismo afro-asiático. O seu comunicado final, do qual Nehru é o principal inspirador, centra-se na cooperação económica e cultural, nos direitos humanos e no direito à auto-determinação, a situação nas colónias e estabelece uma "Declaração para Promover a Paz Mundial e a Cooperação Internacional" e os "10 Princípios de Bandung", que incluem o "respeito pela soberania e integridade territorial de todas as nações", a "não-intervenção e não-interferência nos assuntos internos de outros países", o respeito pelo direito de cada nação de se defender individual ou colectivamente, em conformidade com a Carta das Nações Unidas", a "recusa de recorrer a mecanismos de defesa colectiva destinados a servir os interesses particulares de qualquer das principais potências", a "recusa de qualquer poder de exercer pressão sobre os outros".

No seu discurso de encerramento a 24 de Abril de 1955, Nehru afirma a vontade destes Estados de não cair na órbita de uma das duas superpotências, e insiste na solidariedade afro-asiática e na não-violência.

Em 1961, o Movimento dos não alinhados torna-se um movimento tricontinental. A maioria dos países membros representam o que na altura se chamava o “terceiro mundo” e Nasser foi um personagem de “primeira grandeza” para a criação e desenvolvimento deste movimento que pretendia contrariar a lógica dos blocos.

Mas a década de 1960 marca também o início do declínio do movimento. De facto, a sua expansão ideológica levou a uma certa diluição da sua identidade. Além

² *Idem*

disso, a imagem pacifista da Índia, uma das principais figuras do movimento dos não alinhados, foi prejudicada pela entrada das suas tropas em Goa, em 1961. Além disso, dos seis grandes líderes do movimento, os "Seis Grandes", restaram apenas dois: em Maio de 1964, pouco antes da conferência do Cairo, Nehru, morre; N'Krumah foi deposto em Fevereiro de 1966; e Sukarno foi substituído em Março de 1967. Apenas Tito e Nasser permanecem. Mas com a Guerra dos Seis Dias, em 1967, este último ficará numa posição muito enfraquecida a nível internacional.

Para além disso, surgiram rapidamente divisões no seio dos países não alinhados entre os que praticavam um verdadeiro neutralismo (Jugoslávia), os que se inclinavam para a União Soviética (Argélia, Índia, Egipto, Cuba, China, Etiópia), e os que se inclinavam para os Estados Unidos da América (Arábia Saudita, Indonésia, Marrocos, Paquistão). Existiam ainda rivalidades pessoais. Nasser e Nehru, por exemplo, entraram em conflito nos últimos anos antes da morte de Nehru. Tito e Castro também eram rivais, cada um procurando liderança do movimento, tal como Nasser e N'Krumah no que diz respeito a África.

Com o fim do bloco soviético, no início dos anos 1990 e o fim da guerra fria, a existência do movimento dos não alinhados é posta em causa. Contudo, o movimento consegue-se adaptar à nova situação geopolítica.

Hoje, o movimento dos não alinhados, tem o estatuto de organização internacional, conta com 114 Estados membros, ou seja, quase 2/3 dos membros da Organização das Nações Unidas e 55% da população mundial. No entanto, o seu peso geopolítico e a sua influência não podem ser comparados com a dos anos 1950-1960.

É também Nasser quem procede à nacionalização do Canal de Suez, afrontando o Reino Unido e a França que eram as potências construtoras e administradoras, respondendo assim ao sentimento de injustiça sentido pelo povo relativamente a este assunto e uma humilhação para o Estado Egípcio, remetendo para outros tempos, em que o Egipto estava sob o domínio britânico.

Nasser representa nesse momento "a força simbólica, que ao decretar a nacionalização do Canal criava o orgulho e a determinação do povo egípcio".³ No plano internacional a nacionalização do Canal de Suez, mas sobretudo o modo como se desenrolou a operação militar da França, Reino Unido e Israel teve um valor simbólico "de primeira grandeza".⁴ Tornava-se evidente que as velhas potências europeias já não comandavam o mundo e que, doravante,

³ *Idem*

⁴ *Idem*

duas novas grandes potências repartiam o condomínio bipolar sobre o sistema internacional. Em posição de força, Nasser toma medidas progressistas no seu país. Decreta, em 1957, a nacionalização do sector financeiro, bancos e seguros, e das multinacionais de import-export, com o objectivo da “egipcianização” da economia, segundo um processo que se prolonga até 1960, impropriamente designado por alguns como “socialismo árabe”, na medida em que se distanciava das políticas “ocidentais”. “Comprova-se que um país, aliás, o mais importante do mundo árabe, que esteve longamente dependente de Inglaterra, se desligue do que chamavam ‘imperialismo’ do Ocidente e faça aliança com os soviéticos”.⁵

É igualmente Nasser quem veicula a ideia do pan-arabismo no mundo árabe, inspirado por movimentos semelhantes noutras regiões do planeta. É neste contexto que é preconizada a unidade do mundo árabe. Como embrião dessa unidade árabe, o Egipto de Nasser e a Síria de Akram al-Hawrani criam um único Estado, A República Árabe Unida. Por ser uma composição demasiado artificial, foi uma experiência de curta duração, que apenas existiu entre 1958 e 1961.

É importante referir que o pan-arabismo de Nasser não era confessional, mas laico, não incorporava, portanto, a vertente religiosa islâmica. Se no início da sua presidência Nasser teve ligações com a Irmandade Muçulmana, acabou por persegui-la e condená-la à clandestinidade, voltando à vida política egípcia apenas nos anos 80 do Século XX. Também é importante também lembrar que as forças armadas, à semelhança do que também se passou noutros países do Médio Oriente e Magrebe, assumem ter um papel fundamental na defesa do Estado laico. Foi aliás uma das justificações para o General Sissi, no Egipto, ter destituído por um golpe militar, em 2013, o Presidente eleito, em 2012, Mohamed Morsi, da Irmandade Muçulmana.

A popularidade e reconhecimento do povo egípcio em relação a Nasser foi claramente demonstrada em duas ocasiões especiais. A primeira, após a derrota de 1967, face a Israel, quando Nasser renuncia ao cargo de presidente do Egipto, mas regressa ao poder sob a pressão do povo. A segunda, no seu funeral em que as ruas do Cairo foram “invadidas” pela população e prestar uma última homenagem a Nasser.

O Professor Luís Moita dirigia outra sessão no curso Médio Oriente e Magrebe, sobre o tema palestino e o conflito israelo/palestino. A abordagem era semelhante, através das personagens centrais desta questão enfatizando,

⁵ Idem

porém, a situação de cada um dos povos, palestino e israelita. Neste contexto colocava a dignidade humana e a violação dos direitos humanos no centro da sua análise.

A abordagem do Médio Oriente e Magrebe forçava sempre a reflexão em torno das questões da autodeterminação dos povos, da liberdade, da defesa dos direitos humanos e da democracia. Passava igualmente pelo reconhecimento de que não só os Estados são actores da política internacional, mas também as pessoas.

Referências consultadas

- GAYFFIER-BONNEVILLE, A. (2013). «Culture de guerre du pouvoir égyptien sous Nasser et Sadate», *Stratégique* 2013/2 (Nº 103), (pp. 37 à 53), Éd. Institut de Stratégie Comparée, DOI 10.3917/strat.103.0037, (Consultado a 30 de Março de 2023).
- LE Monde Diplomatique (2014). *De la conférence de Bandung au mouvement des non-alignés, VII. De la décolonisation à la fracture Nord Sud (1945-1970)*, pp 126-127, *Manuel d'histoire critique*, (Consultado a 17 de Abril de 2023), https://www.monde-diplomatique.fr/publications/manuel_d_histoire_critique/a53274.
- MOITA, Luís (2022). *Sessão sobre “O Nasserismo” no âmbito do Curso Médio Oriente e Magrebe*, Março de 2022.
- SOLÉ, R. (2017). «14. Gamal Abdel Nasser: Le chef adulé» in R. Solé, *Ils ont fait l'Égypte moderne* (pp. 223-241). Paris: Perrin.
- FINAL Communiqué of the Asian-African conference of Bandung (24 April 1955). (Consultado a 17 de Abril de 2023) https://www.cvce.eu/en/obj/final_communique_of_the_asian_african_conference_of_bandung_24_april_1955-en-676237bd-72f7-471f-949a-88b6ae513585.html.

